

OS NOSSOS ÍNDIOS

Quando Vasco da Gama voltava a Lisboa com a boa nova de ter alcançado a Índia, contornando a África, apressou-se o rei de Portugal, D. Manuel o Venturoso, em mandar ao Oriente uma grande esquadra, sob o comando de Pedro Álvares Cabral. Teve este, ordem de afastar-se quanto pudesse da costa da África para Sudoeste, já a fim de evitar as calmarias, que tanto dificultavam a navegação à vela, já porque parecia provável que encontrasse uma nova terra naquela direção.

Saiu Cabral de Lisboa a 9 de Março de 1500, e no dia 22 de Abril avistou a Oeste uma costa desconhecida, culminando num monte de bastante altura. Era a costa do Brasil, entre as atuais cidades de Caravelas e Porto Seguro, no Estado da Bahia. Em atenção à festa da Páscoa deu-se o nome de Pascoal ao monte, nome que ainda conserva. No dia imediato foram alguns tripulantes, em um batel, à terra, os primeiros Portugueses que pisaram solo brasileiro. Chegaram à praia alguns indígenas, e os Portugueses, que iam no batel, tentaram em vão fazer-se entender. Como o lugar não fosse muito próprio para abrigar uma frota de doze navios, que precisava tomar provisões de água e de lenha, resolveu Cabral no dia 24 de Abril procurar um bom porto. Encontrou, a dez léguas mais ao Norte, uma enseada bem abrigada, que ainda hoje conserva o nome — Porto-Seguro, — que lhe deu Cabral.

Alí demorou-se a frota até o dia 2 de Maio. Os tripulantes cortaram árvores para lenha, encheram os barris de água e trocaram presentes com os indígenas. Estes mostraram-se muito pacíficos, visitaram os navios e permitiram que os Portugueses visitassem a sua aldeia. No dia 1.º de maio, quando Cabral tomou posse da terra para o rei de Portugal, assistiram muitos deles à missa solene, que naquela ocasião foi celebrada. Em um morro vizinho mandou Cabral levantar grande cruz de madeira, com as armas do rei Dom Manuel, em sinal da posse. Deu elle à terra o nome de ilha de Vera-Cruz, pois ilha se afigurava aos navegantes aquela terra sem animais domesticados e com rios de pequeno curso. O nome — "Vera-Cruz" — e "Santa-Cruz" — foi mais tarde substituído por — Brasil — porque o primeiro produto, que do nosso país levaram para a Europa em grandes carregamentos, foi uma madeira vermelha, muito procurada para a tinturaria e que se chama pau-brasil.

No mesmo dia da posse, 1.º de Maio, fechou o escrivão Pero Vaz de Caminha uma longa carta ao rei, em que dava conta de tudo o que tinha acontecido e o que haviam observado. Agradou a terra aos Portugueses, embora não tivessem encontrado ouro nem pedras preciosas. Dizia Pero Vaz no fim de sua carta: Nesta ilha "até agora não podemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lho vimos. Porém, a terra em si é de muito bons ares, frios e temperados como os de Entre Douro e Minho (provincia do Norte de Portugal). Águas são muito infundas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem".

Esta carta, e mais outras informações sobre o descobrimento foram, no dia 2 de Maio, mandadas a Lisboa por um dos navios da Armada, enquanto os outros seguiam viagem para a Índia. No Brasil ficaram dois degradados que deviam aprender a língua dos indígenas e servir de intérpretes e guias a futuras expedições.

(Comemoramos, erroneamente, o descobrimento do Brasil no dia 3 de Maio, que é na Igreja Católica o dia da festa da invenção da Vera Cruz pela imperatriz Helena, em Jerusalem.)

Os Europeus acostumaram-se a apellidar de "Índios" os selvagens da América. Explica-se este apellido pelo engano de Christóvão Colombo sobre a situação da terra que descobrira no dia 12 de Outubro de 1492. Partira elle de Espanha com o intuito de procurar um caminho à Índia por mar, em direção Oeste; e quando naquele dia aportava à pequena ilha de Guanahani, estava convencido de ter chegado a uma das ilhas da Ásia. Por este motivo falou Colombo, em suas cartas, dos habitantes da ilha como de "Índios", o que quer dizer habitantes da Índia, denominação errônea, mas que se tem conservado até hoje.

Os aborígenes mesmo não usaram de denominação comum a todos elles, o que era muito natural, pois pertenciam a povos bastante diferentes entre si e falavam muitas línguas, algumas tão diversas entre si, como o são o português e o alemão,

o inglês e o russo.

Eis como Pero Vaz Caminha, na sua carta ao rei de Portugal, sobre o descobrimento do Brasil, descreve os primeiros encontros com os indígenas e as impressões, que deles tiveram os descobridores:

"E o capitão (Pedro Álvares Cabral) mandou no batel em terra Nicoláo Coelho para ver aquele rio (perto do Monte Pascoal); e tanto que elle começou para lá de ir, acudiram pela praia homens, quando dois, quando três, de maneira que quando o batel chegou à boca do rio, eram ali dezoito ou vinte homens pardos todos nus. Traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel, e Nicoláo Coelho lhes fez sinal que pusessem os arcos, e elles os puseram. Ali nem pode deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa. Sômente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho, que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deels lhe deu um sombreiro de penas de aves compridas com uma copezinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas miúdas, que querem parecer de aljaveira".

Isto foi no dia 23 de Abril de 1500. No dia seguinte, quando a esquadra de Cabral já estava ancorada em frente ao Porto-Seguro, foram trazidos a bordo da nau capitanea dois mancebos índios, que alguns Portugueses tinham surpreendido pescando. Descreve-os minuciosamente o bom Vaz Caminha: "A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir. Traziam ambos os beiços de baixo furados, e metidos neles ossos de osso branco, de compridão de uma mão travessa e de

grossura de um fuso de algodão e aguçado na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e o que lhes fica entre o beiço e os dentes, é feito como roque de enxadrez. E em tal maneira o trazem ali encaixado que lhes nem paixam (incomodam), nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber. Os cabelos seus são corredios, e andavam tosquiados de tosquia mais alta de que sobre pente de boa grandura, e raspados até por cima das orelhas".

A bordo mostraram-lhes objetos de ouro e de prata, e elles fizeram sinal de que conheciam tais metais. O mesmo aconteceu com um papagaio. Quando viram um carneiro, que havia a bordo, deram sinal de não conhecer este animal, e uma galinha até lhes causou medo. Naturalmente, pois em toda a América não existiam na época do descobrimento nem cavalos e vacas, nem ovelhas e cabras, nem galinhas e gansos. E os Índios do Brasil não tinham domesticado nenhum dos animais do país, que a isto se prestavam, como por exemplo o porco do mato, o marreco a galinha mutum ou a pomba juriti. Apenas papagaios mansos havia, para divertimento.

Explica-se este fato pelo modo de vida dos Índios brasileiros: eram elles nômades, isto é, não tinham domicilio certo, mas vagavam pelas matas e pelos campos, à procura de caça e de pesca, a cata de frutas e raízes silvestres. Algumas tribus, não tôdas, cultivavam também o milho e a mandioca, mas nem por isso ficavam no lugar das roças por mais tempo do que o necessário para a colheita. Estas tribus eram as mais adiantadas do Brasil. Ao número delas pertenciam também os Índios que Cabral na região do Porto-Seguro encontrou.

Dividem-se os Índios do Brasil em qua-

tro grandes grupos de povos, e os visitados por Cabral eram tribus do grupo dos Tupis. Estes Tupis não occupavam sômente grande parte do Brasil oriental, mas um ramo deles, que se chamava Guaranis, também regiões, que hoje pertencem às repúblicas nossas vizinhas: ao Uruguay, à Argentina e ao Paraguay. Por serem tribus tupis os que primeiro receberam a visita dos missionários Jesuitas, tornou-se a língua dos mesmos melhor conhecida. Isto junto com a vasta distribuição dos Tupis por toda a parte Este da América do Sul fez com que a língua tupi ou guarani servisse como meio de entendimento entre os diversos grupos de Índios e entre Índios e Europeus: daí a sua denominação de "língua geral".

Os inimigos dos Tupis foram por estes designados pelo nome de Tapuias, o que quer, na língua tupi, dizer "inimigos". Os Tapuias pertenciam, na sua maioria, ao grupo dos Gés. Os mais conhecidos e mais temidos deles eram os Botocudos ou Aimorés, cujos restos ainda hoje vivem na região do Rio Doce (nos Estados do Espírito Santo e das Minas Gerais). E os colonos de Santa Catarina e Paraná tinham, até ha bem pouco tempo, que lutar com os Bugres ou Schoklengs e com os Kaingangs ou Kamés, que pareciam ser também tribus Gés.

Não existiam entre os Índios do Brasil grandes Estados ou reinos, mas sômente pequenos agrupamentos de poucas famílias, que eram dirigidas por maiores (morubixabas). Geralmente construíam cabanas, de palmitos e taquara, havendo, porém, tribus, que não usavam de tais abrigos. Alguns dormiam em redes, outros sobre esteiras, outros ainda em uma camada de folhas no chão. Uns eram excelentes nadadores e canoieiros, outros não entravam na água. Havia tribus, que eram artistas em tecidos, outras em olaria, terceiras na fabricação de redes. Faziam comércio destes produtos com os seus vizinhos menos adiantados. Não tinham templos nem deuses. Todos tinham medo das almas dos defuntos, que os feiticeiros ("pagés") conjuravam.

Parte dos Índios da costa do Brasil succumbiu nas lutas com os Portugueses ou pereceram na escravidão. Grande parte, entretanto, desapareceu de outro modo: pelo cruzamento com os brancos. Os antigos mamelucos de São Paulo e os caboclos, caipiras, tabaréos, matutos do nosso interior provêm daquele casamento de Portugueses com Índias. São estes mestiços os homens que mais têm contribuído para o desbravamento do sertão.

No vasto interior do nosso país ainda existem centenas de milhares de Índios, especialmente nos Estados do Norte e Oeste: Pará, Amazonas, Território do Acre, Goiaz e Mato Grosso. Há tribus que vivem tão afastadas do contacto com os outros habitantes do país que nem o uso de instrumentos e armas de ferro conhecem, como por exemplo até ha pouco tempo os Parecis do Mato Grosso, cujos machados, pontas de seta, etc., eram feitos de pedra.

Antigamente os civilizados perseguiram aos aborígenes, mataram-nos ou conduziram-nos como escravos para as suas fazendas e cidades. Os Índios opuseram resistência, agrediram até, por sua vez, aos Portugueses, e houve muitas atrocidades de parte a parte. As ordens religiosas, especialmente os Jesuitas e os Carmelitas, cuidaram sempre da defesa e da instrução dos Índios, sendo em tão louvável empreza auxiliados pelos reis de Portugal, mas obstados pelos colonos. Quando o Brasil se tornou independente, a Constituição reconheceu também a liberdade e os direitos dos primitivos donos do país. O imperador D. Pedro II, o Magnânimo, foi tão grande amigo e protetor dos Índios que aprendeu não sômente a "língua geral", mas ainda outras línguas indígenas, de modo que, quando deputações de Índios vinham à Capital, pôde conversar com estes Brasileiros no idioma deles.

Atualmente possuímos um Serviço Federal de Proteção aos Índios, que já relevantes serviços tem prestado, pacificando muitas tribus até então hostis aos civilizados, e iniciando a transformação dos nômades em úteis membros da comunidade brasileira. Devemos quasi tudo que o Governo Federal tem feito pelos aborígenes, à abnegação, coragem e habilidade de officiaes do nosso exército, principalmente ao instalador da linha telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas, general

Dr. Clemente Brandenburger